

CEDI

Há outras razões para a crise dos índios Pataxós

OESP

05/03/72

Do correspondente e da Sucursal

Interesses comerciais oficialmente desconhecidos pelas autoridades da Funai — Fundação Nacional do Índio — estão influenciando no processo de decadência a que é submetida a tribo dos Pataxós, que desde a descoberta do Brasil habita uma área do Monte Pascoal. No momento em que a Funai anuncia a transferência dos índios para a região de Santa Cruz de Cabralia, alegando que a tribo enfrenta problemas de subnutrição, algumas opiniões categorizadas, na Bahia, sustentam que os Pataxós não podem vender diretamente os produtos agrícolas que cultivam, resultando daí todas as dificuldades.

A situação adversa dos Pataxós é confirmada pelos moradores da cidade de Porto Seguro; tudo começou exatamente há 10 anos, quando o parque foi instalado. Segundo as informações correntes na cidade, os posseiros existentes na área foram indenizados e se retiraram, mas deixaram muito cacau plantado. E os guardas da reserva não querem dividir o lucro com os índios, que são maltratados quando colhem e vendem o cacau por conta própria.

PIAÇAVA TAMBÉM

Outro ponto de discordância, ainda na afirmação dos moradores

de Porto Seguro, é a piaçava. A fibra colhida pelos Pataxós é entregue aos guardas, para venda. Mas os índios, depois de certo tempo, resolveram negociar com o comerciante Chiquinho, residente em Caraiíba. E a venda, nesses moldes, não é aceita pelos guardas.

O atual administrador do Parque Nacional de Monte Pascoal afirma nada ter contra os índios, e apenas cumpre as ordens de manter o parque sem exploração econômica. O administrador, de nome Siqueira, segundo o professor Agostinho, chefe do Departamento de An-

tropologia da Universidade Federal da Bahia, está procurando estabelecer harmonia com os índios, e até demarcou hortas para eles.

E houve ainda, outro fator de desentendimento entre os Pataxós e os responsáveis pela reserva: de acordo com informações, o contrabando de madeira era grande na região, mas os índios atrapalhavam o negócio, muitas vezes vendendo mais barato.

AÇÃO DA FUNAI

Fontes da Funai informaram, em Brasília, que o problema dos Pataxós foi estudado por especialistas durante vários meses, já que a atitude do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal — IBDF — de proibir a caça e o cultivo de cereais na área do parque causou sérios transtornos para os índios. Impossibilitados de conseguir alimentação nos limites da reserva, eles passaram a pescar caranguejo para sobreviver. Nessa atividade seis deles morreram no mar, no ano passado.

Os informantes acrescentaram que a Funai, procurando solucionar a questão, enviou dois técnicos à Bahia para estudar sugestões feitas pelo governo do Estado. A primeira era de transferência dos índios para a região de Itaquira, nas proximidades de Porto Seguro. A área indicada não foi aceita, por ser o terreno arenoso e já viverem ali cerca de 400 posseiros. E havia outro inconveniente, segundo a Funai.

A população de Porto Seguro estava interessada e ansiosa pela fixação dos Pataxós em Itaquira, porque eles se tornariam um incentivo ao turismo local. Atualmente, em épocas de grande afluxo de visitantes, a Prefeitura do município manda buscar índios no parque para exibí-los em suas vestimentas e danças típicas.

A segunda proposta era de transferência para a região de Santa Cruz de Cabralia, que foi considerada satisfatória pela Funai. Os enviados do órgão acharam a terra muito boa, além de oferecer possibilidade de farte-pesca de caranguejo. A gleba fica junto ao mar e possui numerosos coqueiros e piaçava em todo o litoral. As margens do rio Santo Antonio são férteis e próprias à agricultura, segundo os técnicos.

A TRANSFERENCIA

O professor Agostinho, da Universidade Federal da Bahia, chefou recentemente um grupo de estudantes que foi ao Monte Pascoal pesquisar os Pataxós. Sobre a transferência, disse: "Diretamente, não sou contra nem a favor. Só poderei ser contra ou a favor depois de possuir mais dados sobre o problema e estudá-lo pormenorizadamente".

Agostinho julgou a mudança precipitada e afirmou que ela deve ser adiada enquanto não se souber se é cientificamente válida. Lembrou que outros fatores precisam ser considerados. E o mais relevante é o protesto dos índios, que não querem a mudança, e ninguém ignora isso. Da nova área destinada aos Pataxós, o professor Agostinho disse que é árida e de difícil cultura, "e lá os índios só têm mesmo a piaçava para o seu sustento".

Outro especialista, que se manifestou a respeito da transferência, foi o professor Calderon,

do Departamento Cultural da Universidade Federal da Bahia. Ele disse que é contra e assinalou que há possibilidade da coexistência pacífica dos índios onde estão.

Calderon acentuou: "Não são 500 índios que vão destruir o parque. Sua mudança para a nova área poderá ser fatal".

CAÇA AO ÍNDIO

O professor Calderon revelou que os Pataxós, até 1930, eram caçadores e aprendidos para serem utilizados em serviços domésticos; "não chegavam a ser vendidos, mas viviam, como ainda vivem hoje, servindo às famílias de padres, juizes etc."

Disse que, na época, o único recurso dos índios era fugir para o Interior. Entre 1952 e 1953, eles se revoltaram contra alguns políticos. A consequência foi a morte de muitos deles e a destruição de sua aldeia, posteriormente reconstruída no mesmo local. O professor discordou inteiramente dos técnicos da Funai quanto às qualidades da gleba de Santa Cruz de Cabralia. Afirmando que conhece a região, "e lá só dá piaçava, o terreno é muito árido e os índios não têm meios de sobrevivência. Devem continuar onde estão".

TRIBO DE JOVENS

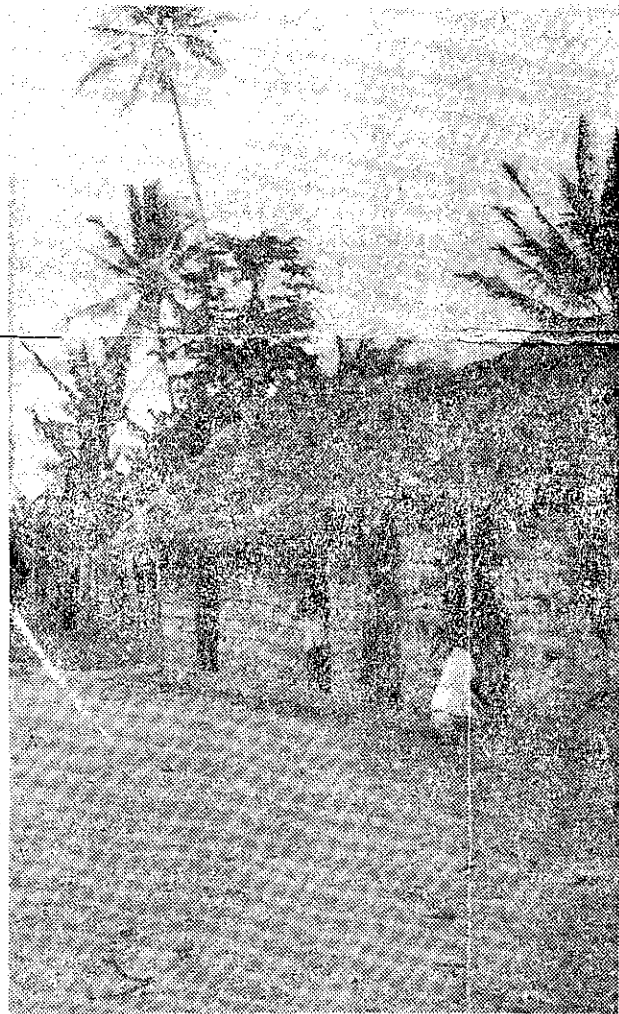
A maioria dos 500 Pataxós que vivem em Monte Pascoal é constituída de jovens, predominando as crianças. Nas constantes mudanças de um lugar para outro, fugindo às perseguições, a tribo perdeu todas as características e tradições. Segundo o professor Agostinho, os Pataxós foram encontrados em 1817 pelo príncipe Wied-Neuvied e tudo indica que são descendentes dos Aimorés, que no tempo do descobrimento viviam no Interior. Essa não é, entretanto, a opinião do povo de Porto Seguro.

Todos na cidade atestam que "os Pataxós receberam Cabral" e quem afirmar o contrário, corre o risco de ser até agredido. Somente duas pessoas sabem falar a língua da tribo: Tururim, um índio que quer ser chefe, e dona Valentina, uma índia idosa.

Eles preservam o meio ambiente

Os índios, ao contrário dos brancos, sempre conviveram em perfeita harmonia com a natureza, não havendo casos de tribos que tenham destruído a fauna ou a flora de qualquer região por elas habitadas. Este é o pensamento de antropólogos e especialistas em indigenismo diante da posição do IBDF, acatada pela Funai, de transferir, nos próximos meses, os índios Pataxós que vivem no Parque Nacional de Monte Pascoal para a região de Santa Cruz de Cabralia, na Bahia.

"Os índios não são capazes de destruir o meio em que vivem, pois é daí que eles tiram o material para a sua sobrevivência", afirmam os antropólogos. Enquanto o branco caça indiscriminadamente, o índio respeita uma série de normas que garantem a proliferação de várias espécies de animais. Por exemplo, eles nunca caçam fêmeas grávidas, como também filhotes, a não ser em caso de extrema necessidade.



Do correspondente em Salvador

Os Pataxós habitam essa área desde a Descoberta